

O pitoresco como referencial teórico e estético com aplicação no urbanismo oitocentista: o contributo de John Nash

The Picturesque as a Theoretical and Aesthetic Reference Applied to Nineteenth Century Urbanism: The Contribution of John Nash

Flavio Nunes
Universidade do Minho
Departamento de Geografia
<https://orcid.org/0000-0002-4818-3825>
flavionunes@geografia.uminho.pt

Enviado: 22/03/2022; Revisado: 01/07/2022; Aceptado: 08/07/2022

Resumo

John Nash foi um arquiteto e paisagista que, no início do século XIX, ampliou a categoria do pitoresco ao planeamento urbano. A partir de uma abordagem historicista baseada em pesquisa de arquivo e revisão de literatura, este artigo debate o modo como este movimento teórico e estético influenciou a transformação de Londres, a partir da criação do *Regent's Park*, do *St. James's Park* e da *Regent's Street*. As conclusões apontam para uma intervenção disruptiva, mas coesa no processo de transformação urbana de Londres, com a qual foi criada uma nova frente de crescimento urbano a oeste.

Palavras-chave: História Urbana, Urbanismo, Pitoresco, Londres.

Abstract

John Nash was a landscaper and architect who extended the category of the picturesque to urban planning in the early nineteenth century. Using a historicist approach based on archival research and literature review, this article discusses how this theoretical and aesthetic movement influenced the transformation of London through the creation of *Regent's Park*, *St. James's Park* and *Regent's Street*. Its conclusions point to a disruptive but cohesive intervention in the transformation of London, resulting in a new front of urban expansion to the west.

Keywords: Urban History, Urbanism, Picturesque, London.

1. INTRODUÇÃO

As reflexões motivadas pela análise dos processos de crescimento e transformação urbana, atuais ou passados, e dos desafios que estes continuamente originam para a sociedade, são a força motriz que tem progressivamente promovido o desenvolvimento disciplinar do urbanismo. Uma ciência que está permanentemente preocupada em minimizar os efeitos negativos que decorrem do modo como os diferentes usos do solo dialogam entre si, e de como estes podem ser melhor compatibilizados e harmonizados; quer a construção das cidades seja motivada a partir de processos espontâneos de ocupação do espaço, quer a sua evolução esteja subordinada a um plano pré-concebido ou a medidas de carácter regulamentar que assegurem o cumprimento de determinados objetivos (BANDEIRA e ROAS, 2021). Na expectativa de contribuir para uma melhor gestão da interatividade que se estabelece entre as atividades humanas e o espaço na qual estas se expressam, o urbanismo esforça-se por orientar essa interação segundo uma tripla orientação: na expectativa de cidades assentes numa relação de compromisso entre o desenvolvimento das atividades antrópicas e a preservação dos recursos e a salvaguarda das estruturas ecológicas; na expectativa de processos de crescimento urbano onde se vislumbre um maior tolerância pela diversidade e um maior respeito pela expressão cultural das paisagens; assim como na expectativa de espaços urbanos com níveis progressivamente mais elevados de crescimento económico e justiça sócio-espacial, capazes de assegurar uma maior igualdade de oportunidades e uma qualidade de vida digna a todos os seus habitantes (BENNINGER, 2001; CEU, 2013). Sendo certo que esta visão integrada, holística e multidimensional do urbanismo é uma conquista recente, ela é, contudo, devedora de um longo processo de aprendizagem para o qual contribuíram as reflexões e concretizações de inúmeros urbanistas ao longo da História. Compreender essas raízes do pensamento urbanístico contemporâneo é uma tarefa essencial não apenas para entender o sentido da evolução do urbanismo enquanto ciência, mas também para refletir a partir dos ensinamentos associados às abordagens inovadoras que estiveram associadas a muitas dessas intervenções urbanas.

Ao longo do tempo a reflexão, planeamento e construção das cidades foi estando subordinada a opções e decisões políticas muito variadas e com motivações muito diversas, com as quais se procurava controlar os modos de ocupação, uso e transformação do solo; sendo que em alguns contextos e momentos históricos essas decisões urbanísticas estiveram subordinadas a uma ideia ou formulação teórica, que explicitamente orientou e condicionou os processos de transformação urbana. Uma daquelas que menos atenção tem merecido por parte dos estudiosos urbanos, possivelmente por ter tido uma menor difusão geográfica e por ter caracterizado um período temporal mais circunscrito, é a que se refere à influência dos ideais do pitoresco no planeamento urbano a partir da primeira metade do século XIX (MIDDLETON e WATKIN, 1980; TAVARES, 2010; MORRIS, 2013). Este artigo tem assim como objetivo avaliar o modo como se manifestou na prática a aplicação desta teoria aos processos de transformação urbana, procurando fazê-lo a partir de uma análise interpretativa do legado de John Nash e das intervenções urbanísticas que este promoveu na cidade de Londres. Todavia, antes de se poder debater e refletir sobre a originalidade do seu contributo e como este ganhou protagonismo na história do planeamento e na estruturação da cidade de Londres, torna-se

importante sistematizar os principais factos que marcaram a sua vida pessoal e profissional, essenciais para entender as principais influências das suas reflexões e práticas urbanísticas, e o protagonismo que estas vieram a alcançar no urbanismo oitocentista londrino.

John Nash nasceu na cidade de Londres a 18 de janeiro de 1752 e aos catorze anos de idade tornou-se aprendiz de Robert Taylor, um conceituado arquiteto que à data assumia a coordenação geral dos trabalhos de construção e manutenção dos castelos, palácios e residências da Casa Real Inglesa (TYACK, 2013). Em 1777, dez anos depois de iniciar a sua formação, decide estabelecer-se autonomamente na prática da arquitetura, conciliando esta atividade com a de promotor imobiliário (DAVIS, 1973). A capacidade de investimento que adquire com a herança que recebe de um familiar, viabiliza as primeiras construções que projeta em Londres. Estas acabam, contudo, por se revelarem um fracasso financeiro, levando-o à falência e à decisão de se mudar para o País de Gales em 1784, de onde era originária a sua família materna (SUMMERSON, 1980; TYACK, 2013; TIKKANEN, 2021). É aí que, enquanto projeta estabelecimentos prisionais e casas privadas, conhece Paine Knight e Uvedale Price, que o introduzem à aplicação do pitoresco na arquitetura e no paisagismo (SUGGETT, 1995), vindo esta a tornar-se uma forte influência nos seus projetos e intervenções urbanas. As suas primeiras realizações que revelam a aplicação prática dessa influência surgem ainda no País de Gales, ao projetar diversas casas de campo de média dimensão segundo um modelo a que tinha sido introduzido pelo seu Mestre Robert Taylor: as «villas», um tipo de residência privada com origem no Império Romano e que foi evoluindo ao longo do tempo, associando-se no século XVIII a casas independentes destinadas à classe abastada, distinguindo-se estas por se encontrarem inseridas em lotes de terreno com um especial cuidado no seu arranjo paisagístico (SUMMERSON, 1953).

Em 1797 fixa novamente residência em Londres onde vai dedicar-se à autoria de mais de uma dezena de grandes casas de campo «acasteladas», entre elas a *East Cowes Castle* que constrói para a sua família numa propriedade de 12 hectares na *Isle of Wight* (SHERFIELD, 1994). Complementa estas encomendas com outras menos ambiciosas, continuando a projetar não só «villas» mas inclusivamente casas de campo mais pequenas e modestas («cottages»), como é o caso de *Blaise Hamlet*, um conjunto de 9 construções independentes nas proximidades de Bristol (MANSBRIDGE, 1991). Este pequeno aglomerado, inserido num contexto campestre, tem sido considerado o primeiro exemplar de uma comunidade do tipo subúrbio residencial ajardinado, um modelo de expansão urbana que viria a ter uma difusão muito expressiva no futuro (STERN, FISHMAN e TILOVE, 2013; TIKKANEN, 2021). Vai-se dedicando a estas encomendas privadas, mais ou menos ambiciosas, até finais da primeira década do século XIX, sendo que nestes diferentes projetos vai continuamente desenvolvendo o seu estilo arquitetónico, pitoresco e assimétrico, que tinha iniciado no País de Gales, segundo o qual:

O arquiteto deveria preocupar-se mais com as vistas em direção à casa do que desta para a envolvente. Uma noção de Pitoresco que passava pela dissolução da técnica compositiva segundo os princípios clássicos da ordenação geométrica regular, substituindo-a por sequências livres à procura de uma arquitetura de formação e mutação desenhada pictoricamente, a fim de a fazer pertencer ao ambiente natural (TAVARES, 2010: 78).

A partir do início da segunda década do século XIX a sua carreira será maioritariamente preenchida com encomendas da Casa Real, coincidindo este com o período do Príncipe Regente –1811 a 1820– e do seu reinado (como Rei George IV) que se inicia em 1820. Nesta fase Nash adquire funções similares às do seu antigo Mestre, com responsabilidades na coordenação geral das múltiplas obras de construção, remodelação e manutenção promovidas pela Casa Real Inglesa (DAVIS, 1973; SUMMERSON, 1980). Este novo contexto profissional e a notória extravagância do Príncipe Regente nos seus investimentos, vão dar-lhe a oportunidade e os recursos necessários para criar os seus maiores e mais emblemáticos projetos arquitetónicos (MANSBRIDGE, 1991; TIKKANEN, 2021), entre os quais: teatros (como o *Theatre Royal Haymarket*), igrejas (como a *All Souls Church*); palácios (como a ampliação do *Buckingham Palace* ou a remodelação do *Brighton Pavilion*), e outros monumentos (como o *Marble Arch*, inicialmente colocado à entrada do *Buckingham Palace* e que atualmente se encontra nas proximidades do *Hyde Park*). Mas o que verdadeiramente o leva a tornar-se uma importante referência no planeamento urbano é um grande e ambicioso projeto de desenvolvimento urbanístico que vai concretizar em Londres, com o qual se cria aquela que é ainda hoje considerada uma das principais artérias da cidade (*Regent's Street*), projetada por Nash juntamente como os seus arruamentos vizinhos (MIDDLETON e WATKIN, 1980). Com a morte do Rei George IV em 1830, Nash perdeu o seu patrono e a oportunidade de se lançar em novos desafios arquitetónicos e urbanísticos, em parte também pela inabilidade, que ao longo do tempo foi revelando, em respeitar a orçamentação inicialmente prevista para as obras que lidera (HARRIS, BELLAIGUE e MILLER, 1969). Vai então retirar-se para o seu *East Cowes Castle* no sul de Inglaterra, onde faleceu a 28 de março de 1835 (TIKKANEN, 2021).

Esta é a breve biografia de um dos maiores nomes do urbanismo do século XIX, sendo o objetivo principal deste artigo revelar como o movimento teórico do pitoresco influenciou as opções urbanísticas com as quais Nash procurou orientar e estruturar os processos de transformação urbana que empreendeu na cidade de Londres. Um outro objetivo complementar deste estudo é o da sistematização das principais aprendizagens a reter a partir deste exercício de urbanismo singular na história do planeamento. Metodologicamente suporta-se numa revisão de literatura, assente num processo de pesquisa de arquivo e de análise e interpretação de fontes diversas. Contudo, não se baseia numa simples revisão narrativa da literatura, mas aproxima-se mais de uma revisão de literatura do tipo integrativo, a qual combina simultaneamente a avaliação de estudos mais teóricos e empíricos como forma de aprofundar o entendimento e ampliar as possibilidades de resposta às questões que norteiam este estudo. Quanto à estrutura do artigo, na secção seguinte procura-se avaliar como a visão deste urbanista foi influenciada pelo contexto cultural e sociopolítico em que viveu e pelos referenciais teóricos do pitoresco; analisando especialmente o modo como se deu o desenvolvimento deste movimento teórico no contexto cultural inglês, e como este começou a refletir-se em aplicações práticas, evoluindo numa fase inicial do domínio do paisagismo para a arquitetura. Posteriormente, na secção seguinte, discutem-se as particularidades associadas ao legado de John Nash no modo como orientou o processo de crescimento urbano de Londres nas primeiras décadas do século XIX, refletindo sobre como este urbanista conseguiu promover a importação dos princípios do movimento pitoresco para a estrutura das cidades, passando com eles a condicionar a apreensão do espaço urbano. Por fim, na conclusão do artigo,

procura-se dar especial ênfase à sistematização das principais aprendizagens a reter, a partir da análise deste exercício de planeamento de grande relevância para a história do urbanismo.

2. O PITORESCO E OUTROS FATORES DETERMINANTES DO LEGADO DE JOHN NASH

O contributo de John Nash para o planeamento urbano é particularmente devedor da influência dos referenciais teóricos inovadores associados ao pitoresco. Esta é uma corrente estética que tem as suas origens na pintura da alta renascença italiana e na pintura holandesa do século XVIII (PINHEIRO e D'AGOSTINO, 2004), em que na representação de paisagens campestres se começa a colocar em diálogo o «belo» (a harmonia das proporções) com o «sublime» (o dramatismo das formas). Nomeadamente quando se passa a integrar nessas pinturas representação de árvores decrépitas, de formas mais obscuras e dramáticas e que se afastam do ideal clássico da perfeição, procurando estimular outras sensações e emoções a partir do confronto da suavidade do belo com a sublimidade do acidental (WYBE, 2017).

No contexto cultural inglês do século XVIII, num primeiro momento, este movimento tem um especial desenvolvimento no âmbito de obras literárias (quer nos poemas e ensaios de Alexander Pope ou de Edmund Burke, quer na literatura de viagens de William Gilpin); que ao exporem novas ideias estéticas e filosóficas associadas ao imaginário campestre e ao desenvolvimento de um pensamento focado na perceção do Homem em relação ao seu contexto, contribuíram decisivamente para introduzir e desenvolver o pitoresco no contexto inglês (D'ELBOUX, 2007; NEVES, 2015). Pensamentos e reflexões que vão ganhando especial aceitação numa época em que se desenvolve a vida burguesa, que passa a ter os recursos e o tempo para o desfrute da natureza e dos ambientes rurais, «sempre em busca do bucolismo campestre e de paisagens idílicas, numa espécie de reação à vida cada vez mais urbana e à crescente industrialização do período» (D'ELBOUX, 2007: 3).

Já num segundo momento, sobretudo por ação de Richard Payne Knight e Uvedale Price, será dado desenvolvimento às ideias do pitoresco numa teoria mais compreensiva e com adaptação mais prática, sobretudo no domínio do paisagismo e da arquitetura; para estes a principal qualidade do pitoresco é precisamente a sua especial capacidade de integração entre o belo e o sublime (NEVES, 2015). Payne Knight e Uvedale Price nas suas reflexões sobre os processos em curso de transformação da paisagem, vão contestar a obsessão pelo belo, valorizador do classicismo e de uma perfeição assente na proporcionalidade e simetria, em detrimento da valorização de outras sensações, emoções e impressões que, na sua visão, só conseguem ser desencadeada por contemplações da natureza menos formais e mais assimétricas, para as quais muito contribuem elementos como a rusticidade, a irregularidade e a variedade.

Este movimento teórico, cultural e estético teve as suas primeiras aplicações práticas no contexto do desenho de jardins, que embora planeados passaram a remeter para uma linguagem mais orgânica e para a ilusão de um desenvolvimento selvagem (D'ELBOUX, 2007). Os primórdios dessas aplicações remontam ao século XVIII, quando em oposição ao racionalismo e rigor das normas clássicas como

fundamento da beleza, se começa a contrapor o retorno ao gótico (o início do neogótico) e o enaltecimento de cenários variados, bucólicos e idílicos a partir da domesticação da natureza. Para alguns estudiosos deste período a expressão formal geométrica típica dos jardins franceses da época era a manifestação de uma ideologia política absolutista, já os jardins ingleses com formas mais orgânicas e próximas das que são possíveis encontrar na natureza são sobretudo o reflexo de uma realidade política e social distinta, marcada pelos valores do liberalismo inglês e da valorização do individualismo; valores esses que tem maior sintonia com os cenários únicos, distintos e diferenciados que resultam dos princípios essenciais da composição paisagística pitoresca: variedade, complexidade, irregularidade e movimento (PINHEIRO e D'AGOSTINO, 2004; D'ELBOUX, 2007; NEVES, 2015). Pode assim dizer-se que a categoria do pitoresco fez com que as ideias iluministas sobre estética fossem desafiadas a olhar para a experiência de beleza como algo mais instintivo e menos racional, ou seja menos uma questão de perfeição segundo modelos universais e mais uma questão de agrado sensorial, de gosto pessoal e de expressão individual, passando a ser mais valorizada a sua capacidade de proporcionar múltiplas reações de acordo com a individualidade de cada sujeito (TAVARES, 2010).

Desde o período em que vive na Escócia (1784-1797) John Nash vai se rever nesta nova conceção estética, revelando uma forte sensibilização para os seus ideais e princípios, o que terá influência em toda a sua obra, vindo mesmo a tornar-se, um dos nomes que mais contribuiu para estender a sua aplicabilidade. Através das suas realizações vai aplicar esses princípios não só ao paisagismo de áreas ajardinadas e à arquitetura, mas inclusivamente em domínios inovadores, nomeadamente ao nível do urbanismo e dos processos mais vastos de transformação urbana; sendo na cidade de Londres, como se avaliará mais à frente, que Nash vai conseguir esta integração do pitoresco no planeamento urbano e na programação de grandes operações urbanísticas.

Importa sublinhar que a influência do pitoresco na obra de Nash está fortemente assente numa herança cultural que se foi consolidando no contexto inglês desde o século XVIII, e que se repercutiu na importação de princípios de composição paisagística (aplicados na conceção de jardins, parques e propriedades campestres) para a composição arquitetónica; tal ocorreu a par de uma tendência de valorização da tradição arquitetónica local (arquitetura vernacular) e sobretudo de valorização da ideia de arquitetura como paisagem (STEENBERGEN e REH, 2001; NEVES, 2015). Esta transposição de princípios do contexto do jardim inglês para o contexto do edifício, ocorreu numa altura em que o estilo arquitetónico predominante em Inglaterra revelava grande influência da simetria classicista –estilo palladiano– (PARISSIEN, 2000), tendo este sido progressivamente contaminado pela linguagem mais orgânica usada nos jardins e parques ingleses, que vem trazer para a arquitetura uma maior liberdade e variedade de combinações. Segundo Aníbarro (1995) no decurso do século XVIII os arquitetos John Vanbrugh e Robert Adam foram dos primeiros a aplicar esta nova conceção arquitetónica, de volumetria mais irregular e assimétrica, ao Vanbrugh Castle e ao Culzean Castle, respetivamente. Estas construções «acasteladas» são exemplos que demonstram como a contraposição entre arquitetura e paisagem natural se pode desvanecer a favor de uma maior comunhão dos edifícios com o seu enquadramento paisagístico, podendo assim estes participar ativamente na atitude pitoresca de composição da paisagem. John Nash sofre claramente a

influência desta ideia de arquitetura como paisagem, no modo como dá resposta às encomendas privadas que o levam a desenhar casas de campo, mais ou menos modestas, assim como no modo como vai posteriormente orientar a sua intensa colaboração com o Príncipe Regente.

A par do papel decisivo que assumem na obra de Nash, as influências arquitetónicas do seu tempo, importa igualmente referir que o seu legado é particularmente devedor do contexto sociopolítico em que vive, e especialmente das oportunidades que lhe foram proporcionadas pelo patronato do Príncipe Regente que, por doença mental de seu pai (Rei George III), assumiu o exercício dos poderes régios a partir 1811 até à sua coroação em 1820, como Rei George IV, e daí até à sua morte em 1830 (DAVIS, 1973). Este é conhecido como um período de profundas transformações políticas e económicas (na sequência do desempenho vitorioso das tropas britânicas nas guerras napoleónicas) que reforçam e estabilizam o poderio hegemónico britânico no controlo do comércio global, do qual resultou o robustecimento financeiro da classe burguesa, proporcionando-lhe condições únicas para um forte apoio ao desenvolvimento cultural e artístico. Este período, conhecido com a Regência Britânica, é caracterizado pela sua influência nas artes, vestuário e arquitetura, sendo um dos seus principais mecenas o Príncipe Regente, com gostos refinados e uma personalidade e um estilo de vida marcadamente mais extravagante, exuberante, e ostensivo que o dos seus antecessores (SUMMERSON, 1978; MORRIS, 2013; PARISSIEN, 2001). Com o regime parlamentar britânico os seus ministros vão assumir as preocupações e o desempenho das funções e responsabilidades governativas e militares, pelo que o Príncipe Regente vai poder dirigir a sua atenção e energia para os prazeres e frivolidades do seu tempo. A sua cultura, elegância e gosto aprimorado levam-no mesmo a ser apelidado do primeiro cavalheiro inglês (PARISSIEN, 2001), distinguindo-se como alguém que valoriza o charme, o requinte e sumptuosidade, o que terá também evidentes repercussões nas obras arquitetónicas e urbanísticas que irá requerer a John Nash e patrocinar com avultados fundos. Se a criação do *Regent's Park* teve, sobretudo por influência de Nash, implicações muito vastas e relevantes na organização e expansão urbana de Londres, a motivação original do Príncipe Regente foi mais frívola, associada ao interesse de nesse parque criar o seu palácio de Verão, procurando assim criar mais um cenário de encanto e deleite para conviver e desfrutar com a corte e seus convidados.¹ Contudo a intenção de aí instalar o seu palácio de Verão acabou por ser abandonada com a decisão de promover a ambiciosa remodelação e ampliação do *Buckingham Palace*, assim como a decisão de encetar a profunda remodelação de um outro majestoso palácio à beira mar, *Brighton Pavilion*, que embora sejam de estilos muito diversos foram ambos profundamente influenciados pela intervenção de John Nash (DAVIS, 1973; MANSBRIDGE, 1991). Este patronato régio e a sua muito expressiva capacidade de investimento proporcionaram condições materiais únicas, sem as quais Nash não teria deixado uma marca tão relevante e distintiva na história do urbanismo.

1 ROYAL PARKS, *Regent's Park. Landscape History*, <https://www.royalparks.org.uk/parks/the-regents-park/about-regents-park/history-and-architecture> (consultado a 6 abril 2021).

3. A APLICAÇÃO DO PITORESCO NUM PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO URBANA DE FORTE COERÊNCIA ENTRE AS SUAS INTERVENÇÕES ARQUITETÓNICAS E URBANÍSTICAS

Em matéria de planeamento urbano a intervenção mais relevante de Nash, requerida pelo Príncipe Regente, envolveu uma grande operação urbanística na área ocidental de Londres. Este foi um dos primeiros esforços de planeamento no tecido urbano medieval de uma cidade que, durante séculos, tendeu sobretudo a crescer organicamente, resistindo a tentativas de ordenação, mesmo após o grande incêndio de 1666, quando se optou pela reprodução do traçado viário pré-existente (embora com ruas mais largas) em alternativa à implementação dos ambiciosos planos de renovação urbana então propostos, entre os quais se destacaram os de Christopher Wren e John Evelyn, (HARROUEL, 2004; HALL, 2005; GLANCEY, 2016).

O grande projeto de transformação urbana de Nash, com o qual se pretendeu sobretudo acomodar residências para as famílias da classe mais abastada da sociedade londrina (HALL, 2005), abrangeu o rearranjo paisagístico de dois parques (*Regent's Park* e *St. Jame's Park*), bem como a conexão entre ambos com a abertura de uma nova artéria por entre o tecido urbano pré-existente, vindo esta a designar-se por *Regent's Street* (Fig. 1). A implementação desta ambiciosa intervenção urbanística que se prolonga de 1818 a 1832, vem constituir uma aprendizagem relevante em matéria de planeamento urbano, sobretudo a dois níveis. Por um lado, pelo modo como, a partir da exploração de um referencial teórico e estético –o pitoresco– se promove uma forte coerência e integração entre múltiplas e distintas componentes físicas (os parques verdes, o traçado de novas artérias, e até mesmo a conceção do edificado), conseguindo Nash com que no conjunto se harmonizem exemplarmente e com um resultado de grande coesão. Por outro lado, esta transformação urbana veio evidenciar a maestria com que se pode ajustar a visão de um plano a dificuldades processuais que emergem no decurso da sua concretização, neste caso dificuldades de natureza negocial e financeira. Estes constrangimentos processuais, mais do que impedimentos ou bloqueios que entravam a concretização de cenários idealizados, foram naturalmente encarados por Nash como algo inerente ao próprio processo de planeamento e como oportunidade para concretizar uma solução alternativa face à prática corrente, com a qual vai conseguir originar resultados de eficácia surpreendente e de valor amplamente reconhecido.

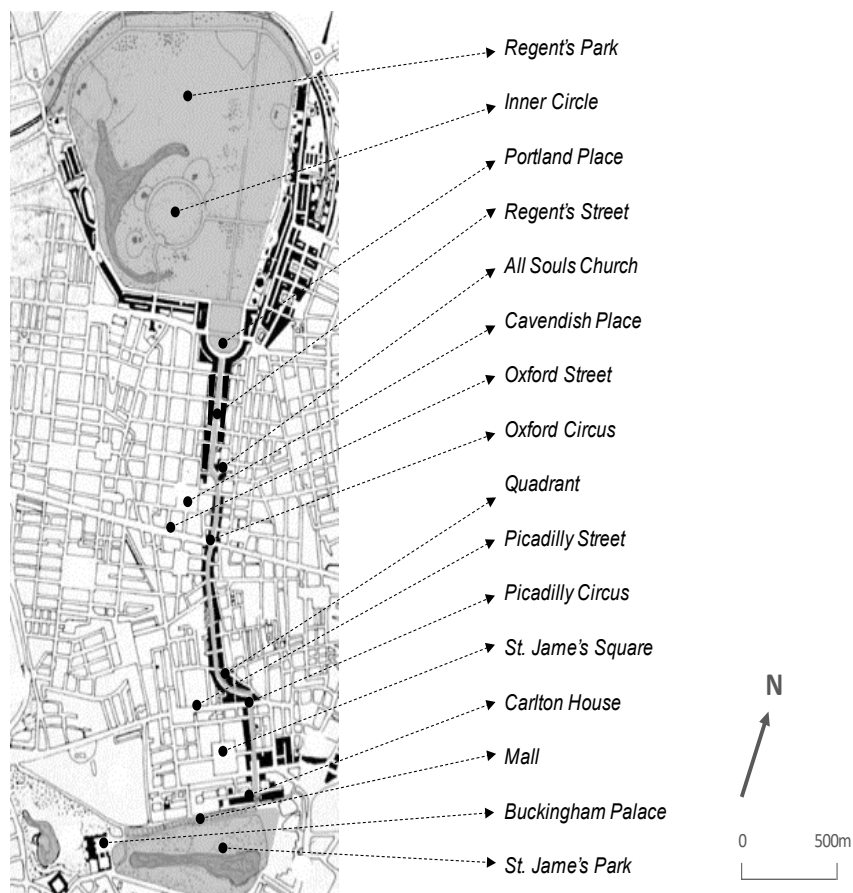


Figura 1. O projeto de John Nash: *Regent's Park – Regent's Street – St. James's Park*
 Fonte: adaptado de SUMMERSON, 1935

Quanto aos parques verdes, um dos mais importantes de Londres, cujo paisagismo atual se deve ainda a Nash, corresponde ao antigo bosque de Marylebone, que era então usado como área de caça da família real. Com a intervenção de que é alvo no início do século XIX este passa a designar-se por *Regent's Park*, e é sobretudo nele, até pela sua maior dimensão, que Nash vai ter a oportunidade de mais livremente aplicar as aprendizagens que resultaram das interações que manteve com os importantes teóricos e paisagistas defensores do pitoresco. A decisão da transformação deste bosque em jardim associa-se ao acelerado ritmo de industrialização e às altíssimas taxas de crescimento demográfico que Londres então evidenciava, tornando-se prioritária a programação de novas frentes de expansão urbana (LONGSTAFFE-GOWAN, 2015). Neste contexto, Nash consegue impulsionar o crescimento da cidade para ocidente com a criação deste parque e das suas ruas envolventes, e sobretudo com o modo como consegue promover a ligação desta nova área de expansão ao centro antigo da cidade.

Na concepção do *Regent's Park*, Nash vai manipular e articular os elementos naturais do antigo bosque, procurando que estes expressem a linguagem estética e assimétrica do pitoresco. Para criar toda a aparente desorganização e aleatoriedade, que tanto caracteriza o pitoresco dos jardins ingleses, Nash toma várias opções que dialogam entre si em total sintonia, entre elas: aproveita e valoriza as ondulações topográficas do terreno; preserva partes do bosque preexistente; redefine um canal de água dando-lhe uma trajetória que circunda o parque na sua secção setentrional; e cria ainda com esse recurso hídrico um lago artificial com margens desenhadas sem qualquer rigor geométrico, as quais povoa com diferentes árvores e arbustos (SUMMERSON, 1978).² Para a assimetria pretendida vai também contribuir o desenho da rede tortuosa de caminhos que colonizam este espaço. Mesmo a secção do parque que é percecionada como o seu centro foi intencionalmente desalinhada daquele que é o seu centroide; pois, para desempenhar a função de área de maior centralidade do parque, Nash desenha aquele que é o *Inner Circle* (um percurso circular do qual irradiam vias desiguais, desde estreitos caminhos sinuosos e serpenteantes a alamedas mais imponentes), posicionando-o propositadamente de um modo não coincidente com o centro geométrico do parque.

John Nash vai também reprogramar o arranjo paisagístico do *St. James's Park* para a configuração que este revela ainda hoje. Este parque encontrava-se já aberto ao público e tinha sido, na segunda metade do século XVII (durante o reinado de Charles II, 1660-1685), alvo de uma profunda intervenção que o redefiniu seguindo o estilo formal clássico dos jardins reais franceses (um desenho atribuído ao paisagista francês Andre Mollet), identificando-se então uma total regularização dos seus elementos, incluindo um espelho de água com 780 metros de comprimento e 38 de largura.³ Na segunda década do século XIX (1827-28) Nash vem procurar reverter essa excessiva geometrização perseguindo uma visão mais romântica e naturalista do espaço, com uma composição mais orgânica dos seus elementos, embora sejam totalmente fruto de intervenção humana. Redefine então o canal de água transformando-o num lago curvilíneo e com uma configuração mais provável de encontrar na natureza, segundo uma conceção idílica e bucólica, para o que muito contribuiu não apenas a seleção das espécies arbustivas e arbóreas das suas margens, mas sobretudo a decisão de criar duas ilhas nesse pequeno lago. Os seus percursos internos adquirem também um traçado sinuoso, restringindo-se alguma formalidade do desenho apenas ao seu limite norte onde cria uma longa e retilínea avenida cerimonial. Esta avenida arborizada (*Mall*) é alinhada com o *Marble Arch*, então posicionado por Nash à entrada do *Buckingham Palace*, em cuja ampliação este esteve também envolvido (DASENT, 1895).⁴

Para impulsionar a desejada dinâmica de expansão urbana com construções de alta qualidade e prestígio na área envolvente a *Regent's Park*, Nash vai projetar a abertura de uma nova rua (*Regent's Street*) com cerca de 1300 metros de comprimento, com o grande objetivo de contribuir para a acessibilidade, valorização e atratividade dessa nova área de expansão da cidade (NEWBOLD, 1912; SUMMERSON, 1978, HIBBERT *et al.*, 2010). Esse desafio é cumprido quer com o

² *Ibid.*

³ ROYAL PARKS, *St James's Park. Landscape History*, <https://www.royalparcs.org.uk/parks/st-james-park/about-st-james-park/landscape-history> (consultado a 12 de março de 2022).

⁴ *Ibid.*

enobrecimento que atribui à nova artéria, ao nível da sua amplitude, imponência e qualidade do edificado, quer com a opção de a articular com a cidade antiga numa das suas áreas mais privilegiadas. Optando por iniciar essa rua, a sul, nas proximidades de *St. James Park*, mais concretamente junto à residência oficial da família real, que à época era a *Carlton House*.

Para a definição desse arruamento, num impulso inicial e certamente pela influência dominante dos ideais que então comandavam as grandes operações de transformação urbanística nas grandes capitais europeias, Nash vai começar por apresentar, em 1810, um desenho urbano nitidamente inspirado no neoclassicismo e nas suas linhas rectas e formas regulares (HIBBERT *et al.*, 2010). Contudo, essa proposta inicial, que defende o traçado de uma ampla e linear avenida pontuada por praças de traçado também regular, segundo uma conceção dominada por linhas arquitetónicas imponentes no edificado e no espaço público à semelhança dos grandes «boulevards» franceses, será inviabilizada por alguns conflitos financeiros e de gestão, associados a direitos de propriedade e dificuldades de expropriação (HOBHOUSE, 2008). Obstáculos processuais esses que derivam das dificuldades inerentes a uma grande operação de regeneração urbana, com muitas demolições e abertura de novas artérias sobre ruas preexistentes, como sob parte da *Swallow Street* (NEWBOLD, 1912). Em reação, Nash decide acomodar na visão do seu plano estes constrangimentos processuais, e fá-lo trazendo para o traçado da *Regent's Street* os elementos de sinuosidade e irregularidade que marcam o jardim inglês, alargando a experimentação do pitoresco ao próprio desenho urbano e quebrando com a extrema regularidade e uniformidade que então dominava o planeamento urbano europeu oitocentista. Esta rua assume assim um traçado ondulante, o qual é, contudo, programado de modo a garantir a continuidade visual da artéria a quem a percorre, para além de permitir contornar preexistências relevantes e constrangimentos de propriedade que então se fizeram sentir. Segundo BERGDOLL (2000: 130-131) «a Regent Street, foi acolhida como o primeiro projecto urbano de grande escala no qual os princípios da paisagem pitoresca foram aplicados à cidade, explorando empiricamente cada obstáculo colocado por lotes privados para criar uma rua de irregularidade, sequência e surpresa estudadas».

Deste modo, com o seu novo traçado, a *Regent's Street* não vai por exemplo afetar a *St. James Square* e os seus edifícios envolventes, então uma das áreas mais exclusivas da cidade, com moradias de elevado valor e muito cobiçadas pelas famílias de maior poder económico, onde se restringia mesmo o uso público da área ajardinada do centro da praça (DASENT, 1895; HIBBERT *et al.*, 2010). Esta preexistência dificultava qualquer intenção de dotar a nova rua de um carácter retilíneo integral, pelo que, na proximidade da interceção com a *Picadilly Street*, o traçado da *Regent Street* adquire a forma de um amplo arco, conhecido como Quadrante, com o qual se preserva *St. James Square* e suas imediações (HIBBERT *et al.*, 2010). O traçado retilíneo é também inviabilizado no troço que afetaria a mansão de *Sir Langham* junto a *Cavendish Place*; este decide adquirir os imóveis vizinhos como forma de dificultar a concretização da proposta inicial do plano. Para contornar estas propriedades de difícil expropriação, Nash desloca um pouco para este a *Oxford Circus*, face ao inicialmente previsto, assim como o troço da *Regent's Street* que lhe está imediatamente a norte, articulando este com a restante artéria através de uma curvatura onde posiciona a *All Souls Church*, que com o seu pórtico arredondado consegue afirmar-se como um ponto de referência

visual em ambos os sentidos da rua (NEWBOLD, 1912, HALL, 2005). Pode afirmar-se que o traçado da *Regent's Street* procura assim não perturbar os interesses de uma classe privilegiada, sendo que vai mesmo assumir-se como um elemento promotor de uma organização urbana favorecedora de uma segregação socioespacial, na medida em que esta rua vai desempenhar uma função de linha de fronteira entre uma área a oeste (*Mayfair*) onde residiam nobres e outros elementos de classes mais favorecidas, e uma área a este (*Soho*) onde se concentrava a classe trabalhadora (ANÍBARRO, 1996; MOORE, 2003; HIBBERT *et al.*, 2010).

A maestria com que Nash planeia esta artéria é assim reconhecida pelo modo como esta vai desempenhar funções estratégicas relevantes de macroplaneamento, ao nível da organização geral do espaço urbano e do incentivo a novas frentes de crescimento da cidade; mas também como simultaneamente, e numa lógica de maior detalhe e pormenor, vai também conseguir condicionar as suas dinâmicas de uso e apropriação, por via de determinações para a estrutura e funcionalidade do seu edificado. Por exemplo, na sua secção mais central, Nash promove (investindo capital próprio) uma construção, de grande imponência e coerência formal, no apelidado Quadrante: o troço em que a *Regent's Street* assume a forma de um amplo arco. Nessa construção projeta o rés-do-chão de modo a que este seja rematado por uma ampla colonata como forma de trazer conforto para os transeuntes, que assim podem passear abrigados da chuva, tornando deste modo a rua muito apelativa para um comércio especializado de artigos de alta qualidade ou mesmo luxuosos (HALL, 2005; HOBHOUSE, 2008). Esta forma de condicionar a funcionalidade do espaço, foi complementada pela decisão de proibir na rua lojas mais indiferenciadas e desqualificadas, como as do comércio de carne ou de outros bens alimentares (WEIGHTMAN *et al.*, 2007). É assim uma rua que desde a sua génese é programada com a ambição de vir a tornar-se uma das ruas comerciais mais exclusivas, relevantes e emblemáticas na parte ocidental de Londres. Rapidamente atinge esse estatuto, tornando-se inclusivamente a primeira área comercial britânica a estender o horário de abertura do seu comércio, tendo o conjunto dos seus comerciantes concordado, em 1850, em prolongar o horário de funcionamento das suas lojas até às 19 horas (MOORE, 2003).

3.1. O edificado e a conjugação de soluções construtivas diversas para uma mais ampla *naturalização* da forma urbana

Importa ainda referir que a expressão do pitoresco no planeamento urbano, que enaltece uma estética valorizadora da assimetria, desequilíbrio e irregularidade, buscando vias para uma maior «naturalização» da forma urbana, vai refletir-se com Nash na própria conceção do edificado. Para isso defende a conjugação de edifícios com fachadas distintas nos seus desenhos e com materiais também diversos, de modo a promover a aparente, mas deliberada, desordem do pitoresco. Essa diversidade de formas será também um meio para a viabilização do próprio plano, pois facilita a sua maior adequação a diferentes expectativas e preferências, sendo assim um modo pragmático de melhor ajustar a oferta do plano aos requisitos de diferentes investidores (DAVIS, 1973; HIBBERT *et al.*, 2010). Embora Nash não vá desenhar todos os edifícios (projeta por exemplo o Quadrante), vai assumir a responsabilidade da validação das intervenções propostas pelos promotores privados, assegurando a qualidade dos projetos,

mas sujeitando-os a menos diretrizes, o que favorece o investimento. Esta foi uma decisão relevante para o sucesso da intervenção, pois embora tenha contado com um financiamento estatal considerável, a sua execução dependeu sobretudo do investimento relevante de promotores imobiliários privados, sendo James Burton o mais importante de todos ao projetar e construir, no âmbito desta operação urbanística, quase duas centenas de edifícios (WILLIAMS, 1990; ARNOLD, 2005; HOBHOUSE, 2008).

No âmbito da diversidade construtiva intencionada, Nash procurou articular edifícios de abordagens conceptuais muito diversas, criando um verdadeiro itinerário arquitetónico (D'ELBOUX, 2007). Desde logo as «villas», ao criar nas imediações do *Regent's Park* inúmeros edifícios independentes unifamiliares de grande imponência, com arquiteturas diversas, mas que em comum têm o facto de estarem integrados em áreas verdes privadas e caracterizadas por um cuidado arranjo paisagístico. Um número limitado de «villas» é mesmo defendido por Nash para o interior do *Regent's Park*, como forma de compensar o encargo financeiro com a sua criação. Prevê-se assim a criação neste parque de grandes mansões para nobres e outros detentores de posses substanciais (são criadas oito), procurando que cada uma delas tenha uma conceção arquitetónica única e seja implantada de modo a que a seu redor apenas se vislumbre vegetação, criando assim a sensação a cada um dos seus proprietários de que a sua mansão se enquadra numa grande propriedade privada.⁵

Para a diversidade de formas, pretendida por Nash, também muito contribuiu uma outra solução construtiva que corresponde a edifícios multifamiliares de grandes dimensões e monumentalidade, em que se procura que cada um tenha a sua unicidade, não só por se privilegiar o desalinhamento das suas frentes, mas também a distinção da sua arquitetura. Trata-se da aplicação do modelo dos edifícios de casas geminadas («terraced houses»), que embora conceptualmente muito diferentes eram, tal como as «villas», edifícios de grande elegância, exclusividade e prestígio, destinados à classe mais abastada e enquadrados em espaços verdes. Residências que se particularizavam por terem apenas duas frentes, uma vez que os seus limites laterais estavam justapostos, integrando-se assim, no conjunto, numa construção única e de continuidade, que permitia criar a cada um dos seus ocupantes a sensação de habitar num palácio de grande volumetria e imponência (MORRIS, 2003). A concretização desta solução urbanística vai estender-se sobretudo aos arruamentos envolventes ao *Regent's Park*, o que é em grande medida facilitado por não existirem aí problemas de propriedade que dificultassem a concretização deste modelo de construção exigente em superfície, dado que a área que enquadra este parque e as suas imediações estava integralmente na posse da Coroa britânica (HALL, 2005). De referir ainda que esta solução urbanística, muito valorizada pela classe burguesa mais abastada, teve também aplicação no extremo sul na rua, na proximidade da casa da família real, *Clarence House*, vindo inclusivamente a ser usada para substituir este palácio aquando da sua demolição, na sequência da decisão de tornar o *Buckingham Palace* a nova residência oficial da família real britânica (MIDDLETON e WATKIN, 1980).

Esta é assim uma grande operação de transformação urbana, que apesar de envolver múltiplos projetos e de natureza muito diversa, constituiu no conjunto uma intervenção de forte coerência e onde se conseguiu atingir uma forte

5 ROYAL PARKS, *Regent's Park. Landscape History*, <https://www.royalparks.org.uk/parks/the-regents-park/about-regents-park/history-and-architecture> (consultado a 6 abril 2021).

harmonização entre as suas múltiplas componentes. Josh Nash consegue este feito de uma forma disruptiva, distanciando-se da influência barroca classicista que dominava o urbanismo europeu da época. Consegue esse distanciamento não apenas ampliando a aplicação do pitoresco, transpondo este referencial para a composição e estrutura urbana, como o faz testando diversas soluções inovadoras que são reflexo do ímpeto reformista e do carácter visionário de um urbanista que conseguiu deixar uma marca indelével na história do planeamento urbano.

4. CONCLUSÃO

Será sempre tão redutora como útil qualquer tentativa de sistematização das principais aprendizagens que o legado de Nash trouxe para a reflexão sobre os processos de transformação urbana. Partindo apenas da grande intervenção urbanística que concretizou na cidade de Londres, provavelmente o mais surpreendente será certamente o modo como, como poucos urbanistas, conseguiu que as suas múltiplas intervenções arquitetónicas e urbanistas revelassem uma forte coesão entre si, apesar de aparentemente muito diversas nos seus traços e composições formais. Consegue-o de uma forma ímpar porque desenvolve uma forte sensibilização para um ideal estético e teórico, fazendo com que este nutra todo o seu pensamento sobre a cidade e a intervenção que sobre ela promove. Os ideais subjacentes ao pitoresco em que se revê (a assimetria, o desequilíbrio, a irregularidade, a variedade, a rusticidade) são o elemento aglutinador da sua ação sobre a cidade, encontrando-se permanentemente presentes e facilmente reconhecidos na sua obra; quer nas intervenções paisagísticas que promove, seja em grandes parques ou em jardins de menor dimensão, quer na conceção arquitetónica dos edifícios que desenha e da sua inserção urbana, quer ainda inclusivamente no perfil e traçado das ruas que projeta. O pitoresco enquanto a expressão formal dos ideais sociais da cultura e identidade inglesas, passa com Nash a marcar não apenas a cultura paisagística e arquitetónica mas também a cultura urbanística do século XIX.

A interpretação da grande operação de intervenção urbanística que promove sobre Londres, permite também destacar outros aspetos a valorizar e sobre os quais importa ainda hoje refletir, até porque negligenciá-los tem estado na base de alguns dos problemas urbanos da contemporaneidade. Desde logo o reconhecimento de que, mesmo em fases de forte crescimento demográfico, os processos de expansão e crescimento urbano não se devem cingir à simples abertura de ruas, como enquadramento de espaço edificado e como forma de suprir carências habitacionais. São igualmente relevantes para um urbano harmonioso a conveniente programação de espaços públicos (não exclusivamente praças ou espaços ajardinados, mas a própria rua), sendo que a capacidade destes de promoverem a socialização, o convívio ou o relaxamento está certamente muito dependente do modo como são programados e das sensações, emoções e impressões que conseguem desencadear.

O legado de Nash alerta também para a importância da conceção de espaços urbanos capazes de promover uma conjugação permanente entre a artificialização das construções e a naturalização da paisagem urbana, perante o recurso à vegetação. A preservação de árvores seculares ou a plantação de árvores frondosas são características do pitoresco e que Nash impulsiona não só

nos parques e jardins, mas mesmo no enquadramento dos edifícios habitacionais, sejam estes uni ou mesmo multifamiliares. Este modelo de crescimento urbano foi particularmente testado e impulsionado por Nash, reconhecendo a sua valia quer em áreas periféricas ou mais centrais, no entanto virá sobretudo a ser percursor do modelo do subúrbio residencial ajardinado, que tanta difusão teve no século xx e em múltiplos contextos geográficos.

Nash e a sua grande operação de intervenção urbanística, ensina-nos também que embora os bloqueios que surgem à concretização do cenário idealizado pelo planeador possam forçar a aplicação de soluções não previstas, tal não constitui necessariamente um impedimento a que o plano se concretize e que os seus objetivos sejam plenamente alcançados, podendo mesmo constituir uma oportunidade única para testar abordagens inovadoras e diferenciadas, com resultados de valor amplamente reconhecido.

A capacidade de aprendizagem de uma qualquer intervenção urbana reside também nos seus aspetos mais censuráveis, os resultados que estes proporcionam e as reflexões que suscitam são igualmente de grande valia para quem se preocupa em identificar caminhos de ação para intervir sobre a cidade. É certo que muitas vezes essas opções mais criticáveis têm de ser entendidas à luz do tempo em que surgiram e também dos requisitos das encomendas a que procuram dar resposta. No caso concreto da intervenção que Nash promove em Londres esta será muito seletiva quanto aos interesses a que vai responder, sendo uma intervenção mais elitista que se processa sobretudo no sentido da satisfação de necessidades e anseios de uma classe mais abastada, numa época histórica em que as disparidades entre os mais afortunados e os mais vulneráveis se intensificavam de um modo muito acelerado. A Inglaterra, como berço da industrialização e como nação imperial e de poder hegemónico no controlo do comércio global, proporcionava condições únicas de enriquecimento da sua classe mais alta, que revelava pretensões em fazer refletir a exclusividade da sua condição social e económica também nos contextos residenciais que ocupava. Nash vai dar resposta a essas pretensões pois, ao criar a *Regent's Street* com a qual conecta o *St. James Park* ao *Regent's Park* e às suas ruas envolventes, consegue criar um enquadramento urbano muito cobiçado para a instalação de muitas famílias de recursos avultados, proporcionando uma evidente elitização desta secção ocidental de Londres, nitidamente diferenciada face ao restante tecido urbano onde habitava a classe trabalhadora. Não se deteta, portanto, na sua conceção de cidade, nem uma preocupação em atender e dar resposta aos graves problemas de habitabilidade das classes operárias, nem tão pouco no sentido de contribuir para uma cidade onde se evidenciasse uma tentativa de mistura de soluções habitacionais diversas para cidadão de diferentes perfis sócio-económicos. Na época essa coincidência espacial tendia a estar limitada e subjugada a relações de dependência contratual patrão-empregado, no contexto das mansões onde residiam muitos empregados internos de grande especialização, todos eles desempenhando as suas funções numa orquestração aprimorada, da qual dependia não só a manutenção dessas grandes casas e de todas as suas rotinas, como a própria reprodução social e dos modos e estilos de vida daquele tempo e contexto.

Embora permaneça ainda grande parte do arranjo paisagístico que Nash promoveu em *St. James Park* e em *Regent's Park*, tal como é ainda visível a quase totalidade do traçado que impôs à *Regent's Street*, a mesma capacidade de resistência e adaptação não foi revelada pela estrutura edificada, permanecendo

dessa época apenas a *All Souls Church*. Durante todo o século XIX assistiu-se a uma notória afirmação desta rua como uma das principais artérias comerciais da cidade, onde era possível encontrar lojas de grande especialização e exclusividade, o que obrigou a que os edifícios tivessem de se adaptar à própria evolução da atividade comercial, que no princípio do século XX passou a ser mais exigente em superfície. A escala dos edifícios projetados no princípio do século XIX não se adequava assim às necessidades, e menos de um século depois da abertura desta artéria inicia-se uma profunda renovação do seu edificado, iniciada em 1895 e apenas concluída depois da 1ª Grande Guerra (HIBBERT *et al.*, 2010). É esta renovação que está na origem do edificado que ainda hoje se observa na rua, com construções de grande dimensão e harmonização (nas suas formas e materiais), com as quais se compõe uma frente urbana de evidente continuidade e forte impacto visual. Pode, pois, afirmar-se que a incapacidade de adaptação do edificado a novas necessidades e requisitos não deriva tanto de limitadas capacidades visionárias de Nash, mas é sobretudo o resultado das profundas transformações, não previsíveis, que a revolução industrial desencadeou em múltiplos domínios da sociedade, de entre os quais também na atividade comercial.

Para finalizar importa sublinhar que, desde o século XVIII, a atitude proposta pelo pitoresco foi se afirmando como uma marca indelével da identidade e cultura inglesa. É certo que se foi assistindo a uma inevitável evolução dos modelos compositivos influenciados pelo pitoresco, contudo esta evolução não desfez a possibilidade de observar uma continuidade dos temas identificados com este movimento teórico e estético, que continuaram a participar na composição urbanística inglesa dos séculos seguintes. De referir, por exemplo, a conexão entre os princípios do pitoresco aplicados no exercício de planeamento urbano de Nash em Londres, e o traçado irregular e sinuoso de várias cidades e subúrbios que na transição do século XIX para o século XX surgiram no contexto inglês, sob a égide do modelo da cidade jardim: um desses primeiros casos de comunidades planeadas onde a mistura campo-cidade foi enaltecida é Bedford Park em Chiswick, promovida por Jonathan Carr a partir de 1875 (ANÍBARRO, 1996). Uma outra aplicação, posterior, está associada à obra do arquitecto Nikolaus Pevsner, que em meados do século XX recorre aos princípios do pitoresco como solução para enfrentar alguns dos problemas decorrentes das características estilísticas modernistas, nomeadamente a dificuldade destas se adaptarem às especificidades do local «como a cultura e o clima». A revalorização dos princípios do pitoresco vai permitir a Pevsner a defesa de soluções arquitetónicas e urbanísticas articuladas com o espírito do lugar «o *genius loci*» e fundadoras do conceito de *Townscape* (MACARTHUR e AITCHISON, 2010). Esta é uma nova corrente do pensamento urbanístico que, nos anos 60 e 70 do século XX, vem alertar para a importância de as cidades conseguirem expressar qualidades emotivas para quem as habita, frequenta ou visita; o que em grande medida é facilitado pela valorização e aplicação dos princípios pitorescos de assimetria, desequilíbrio, complexidade, irregularidade e variedade.

5. REFERÊNCIAS

- ANÍBARRO, M. A. (1995): «Lo pintoresco: del jardín a la arquitectura», *Cuaderno de Notas*, 3: 98-118.
- ANÍBARRO, M. A. (1996): «El paisaje en la ciudad moderna», *Cuaderno de Notas*, 4:

91-106.

- ARNOLD, D. (2005): *Rural Urbanism: London Landscapes in the Early 19th Century*, University Press, Manchester.
- BANDEIRA, M.; ROSAS, A. (2021): «Urbanismo», en J. FERNANDES, L. TRIGAL e E. SPOSITO (eds.), *Dicionário de Geografia Aplicada*, Porto Editora, Porto: 518-520.
- BENNINGER, Ch. (2001): «Principles of Intelligent Urbanism», *Ekistics*, 69 (412): 39-65.
- BERGDOLL, B. (2000): *European Architecture 1750-1890*, Oxford University Press, Oxford.
- CEU (2013): *A Carta Europeia de Urbanismo*, Conselho Europeu de Urbanistas, Barcelona.
- DASENT, A. (1895): *The history of St. James's Square*, MacMillan and Co, Nova Iorque.
- DAVIS, T. (1973): *John Nash: The Prince Regent's Architect*, David & Charles Ltd., Exeter.
- D'ELBOUX, R. (2007): «O pitoresco e o jardim anglês», *Ensaio*, 2 (1): 2-27.
- GLANCEY, J. (2016): «The London that could have been», BBC, <https://www.bbc.com/culture/article/20160217-the-london-that-could-have-been> (consultado a 29 de março de 2021).
- HALL, Th. (2005): *Planning Europe's Capital Cities. Aspects of Nineteenth-Century Urban Development*, E & FN Spon, London.
- HARRIS, J.; BELLAIGUE, G.; MILLER, O. (1969): *Buckingham Palace*, Thomas Nelsons & Sons, Edinburgh.
- HARROUEL, J.L. (2004): *História do Urbanismo*, Papirus Editora, São Paulo.
- HIBBERT, Ch.; WEINREB, B.; KEAY, J.; KEAY, J. (2010): «Regent Street», en *The London Encyclopaedia* (3rd ed.), Pan Macmillan, London.
- HOBHOUSE, H. (2008): *A History of Regent Street: A Mile of Style*, Phillimore & CO. LTD, Bognor Regis.
- LONGSTAFFE-GOWAN, T. (2015): «Reinstating John Nash's picturesque vision at Regent's Park, London», *Garden History*, 43 (1): 87-96.
- MACARTHUR, J.; AITCHISON, M. (2010): «Pevsner's townscape», en M. AITCHISON (ed.), *Visual planning and the picturesque*, Getty Research Institute, Los Angeles: 1-43.
- MANSBRIDGE, M. (1991): *John Nash: A complete catalogue 1752-1835*, Rizzoli International Publications Inc., New York.
- MIDDLETON, R.; WATKIN, D. (1980): *Neoclassical and 19th century architecture*, Abrams, New York.
- MOORE, T. (2003): *Do Not Pass Go: From the Old Kent Road to Mayfair*, Vintage, New York.
- MORRIS, A. (2013): *History of Urban Form Before the Industrial Revolution*, Routledge, London.
- NEVES, V. (2015): *Pitoresco constante. Um percurso na arquitetura inglesa entre os séculos XVIII e XIX*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.
- NEWBOLD, O. (1912): «Regent Street: An Historical Retrospect», *The Town Planning Review*, 3 (2): 86-93.
- PARISSIEN, St. (2000): *Palladian Style*, Phaidon Press, London.
- PARISSIEN, St. (2001): *George IV: Inspiration of the Regency*, St. Martin's Press, New York.
- PINHEIRO, M.; D'AGOSTINO, M. (2004): «A noção de pitoresco no debate cultural das primeiras décadas do século XX no Brasil», *Desígnio Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*, 1 (1): 119-128.

- SHERFIELD, I. (1994): *East Cowes Castle, The Seat of John Nash Esq.: A Pictorial History, Business by Design*, London.
- STEENBERGEN, Cl.; REH, W. (2001): *Arquitectura y paisaje. La proyectación de los grandes jardines europeos*, Gustavo Gili, Barcelona.
- STERN, R.; FISHMAN, D.; TILOVE, J. (2013): *Paradise Planned: The Garden Suburb and the Modern City*, The Monacelli Press, New York.
- SUGGETT, R. (1995): *John Nash Architect in Wales*, Royal Commission on the Ancient and Historical Monuments of Wales, Aberystwyth.
- SUMMERSON, J. (1935): *John Nash: Architect to King George IV*, George Allen, Londres.
- SUMMERSON, J. (1953): *Architecture in Britain: 1530-1830*, The Yale University Press, London.
- SUMMERSON, J. (1978): *Georgian London*, The MIT Press, Cambridge MA.
- SUMMERSON, J. (1980): *The Life and Work of John Nash Architect*, George Allen & Unwin, London.
- TAVARES, D. (2010): *John Nash: arquitectura urbana*, Dafne Editora, Porto.
- TIKKANEN, A. (2021): «John Nash», en *Encyclopaedia Britannica* <https://www.britannica.com/biography/John-Nash-British-architect> (consultado a 2 de fevereiro de 2022).
- TYACK, G. (ed.) (2013): *John Nash Architect of the Picturesque*, English Heritage, Swindon.
- WEIGHTMAN, G.; HUMPHRIES, St.; MACK, J.; TAYLOR, J. (2007): *The Making of Modern London*, Random House, London.
- WILLIAMS, G. (1990): *Augustus Pugin Versus Decimus Burton: A Victorian Architectural Duel*, Cassel Publishers Ltd., London.
- WYBE, K. (2017): «Spruces, pines, and the picturesque in seventeenth-century Netherlands», *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes*, 38 (1): 73-95.